

Veículo: Conselho em Revista

Data: Novembro-Dezembro/2016

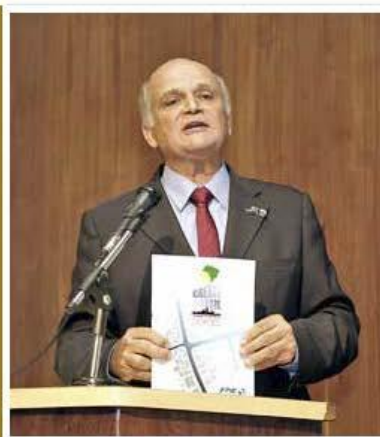
Link: http://www.crea-rs.org.br/site/revista_pageflip/117/magazine-sample/index.html#page/1

ENTREVISTA

Engenheiro Eletricista **Murilo Pinheiro**, presidente da Federação Nacional dos Engenheiros (FNE)

POR JÔ SANTUCCI | JORNALISTA

Fundada em 25 de fevereiro de 1964, a Federação Nacional dos Engenheiros (FNE) tem sede em Brasília e, hoje, é composta por 18 Sindicatos dos Engenheiros que congregam cerca de 500 mil Engenheiros no País. A entidade defende a formação de uma ampla coalizão unindo os Engenheiros e demais profissionais da área tecnológica, por meio dos sindicatos, associações representativas, conselhos profissionais, universidades, empresas e entidades patronais. A proposta é que essa aliança, que configura a Engenharia Unida, possa oferecer saídas às dificuldades enfrentadas pelo País na atualidade e contribuir com o permanente avanço no futuro. Conversamos com o Eng. Murilo Celso de Campos Pinheiro, que foi reconduzido à Presidência da FNE em março deste ano.



OTRANX/MICK

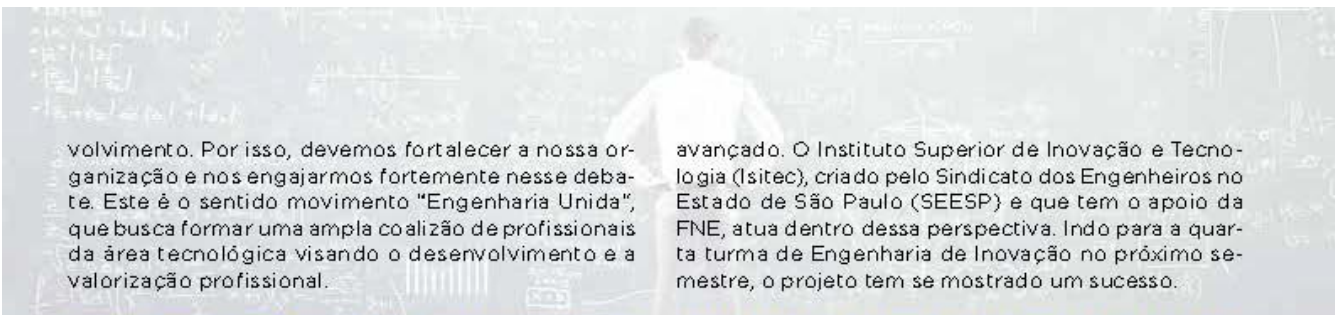
Conselho em Revista - O que é o Projeto Cresce Brasil e quais são as suas principais prioridades?

Engenheiro Eletricista Murilo Pinheiro - Lançado em 2006, o Cresce Brasil + Engenharia + Desenvolvimento visa contribuir com um plano nacional de desenvolvimento, cujas premissas são democracia, preservação ambiental e distribuição de renda. A primeira edição, elaborada num período de estagnação econômica, defendia a possibilidade de retomada do crescimento econômico aos patamares de 6% ao ano. Isso exigia ampliar investimentos públicos e privados para 25% do PIB e promover alterações na política econômica, baixando juros e incentivando a produção. O documento que trazia essas propostas, elaborado a partir do trabalho de consultores em cada um dos temas e de vários seminários em todas as regiões do País com a participação de milhares de profissionais, apontava os gargalos em infraestrutura e o que precisava ser feito. Os temas tratados foram energia, transporte e logística, transporte público e mobilidade, comunicação, saneamento, ciência e tecnologia e agricultura. Desde então, o projeto vem sendo atualizado constantemente e abordando aspectos que a FNE considera mais relevantes em cada momento. Entre as várias etapas, estão uma discussão sobre as regiões metropolitanas, a crise financeira de 2008 e como superá-la, os desafios da indústria brasileira e as possibilidades trazidas pela Copa 2014 em termos de aperfeiçoamento da infraestrutura.

Neste ano, lançamos um novo documento que foca as cidades, abordando a qualidade de vida da população e o desenvolvimento local. O objetivo foi travar essa discussão por ocasião das eleições municipais e, depois disso, com os prefeitos eleitos. O documento aborda o financiamento dos municípios, habitação, saneamento, mobilidade urbana, iluminação pública e internet pública.

Os gargalos na infraestrutura nacional constituem entraves ao desenvolvimento. Como retomar o crescimento no Brasil contando com os Engenheiros como aliados?

Esta questão é fundamental e temos proposto esse debate aos profissionais. Em primeiro lugar, sem dúvida, é preciso retomar os investimentos em infraestrutura para que tenhamos condições melhores de produção e também para movimentar a economia. Esse diagnóstico está preciso. Com relação à retomada do crescimento, a nossa convicção é que isso só é possível com a participação dos Engenheiros. E essa participação se dá de duas formas. Primeiro, como profissionais, atuantes no setor produtivo, no serviço público, como empregados, empresários ou autônomos, pois a categoria está diretamente ligada ao desenvolvimento. E depois, o que é igualmente importante, como partícipes do debate público. Os Engenheiros têm uma grande contribuição a dar no sentido de ajudar o País a encontrar o caminho do desen-



volvimento. Por isso, devemos fortalecer a nossa organização e nos engajarmos fortemente nesse debate. Este é o sentido movimento "Engenharia Unida", que busca formar uma ampla coalizão de profissionais da área tecnológica visando o desenvolvimento e a valorização profissional.

Como manter uma Engenharia forte e unida diante do cenário social, político e econômico que o Brasil atravessa?

Exatamente por vivermos um momento de crise faz-se ainda mais necessária uma Engenharia forte e unida. Como dissemos acima, é extremamente importante para a categoria e para o País que a Engenharia dê a sua contribuição qualificada para encontrarmos saídas às dificuldades enfrentadas.

Faltam profissionais da Engenharia ou qualificação profissional?

Lamentavelmente, depois de um período de crescimento fantástico do mercado de trabalho (entre 2003 e 2013 o emprego formal na área cresceu 87%), desde 2014 as demissões vêm superando as admissões. Portanto, não faltam profissionais. Hoje, estão faltando oportunidades. Com relação à qualificação, os Engenheiros brasileiros estão entre melhores do mundo, não há dúvida com relação a isso. Obviamente, é necessário que os profissionais tenham acesso à educação continuada para que possam se manter à altura das novas demandas. Essa é inclusive uma reivindicação da FNE: além de remuneração justa e condições de trabalho adequadas, o profissional precisa ter meios de se atualizar constantemente. Essa é uma tarefa das empresas, mas também das entidades aos quais esses profissionais estão ligados. Precisamos todos pensar nisso como prioridade. Outro ponto também necessário é pensar em aprimorar as nossas graduações, aumentando sempre a qualidade de ensino, mas também revendo o currículo para que o engenheiro chegue o mais pronto possível ao mercado. E esse recém-formado deve ter a consciência de que, sendo um profissional da área tecnológica, terá sempre de continuar aprendendo, que o conhecimento adquirido na faculdade será superado em um tempo não muito longo.

Quais são os principais desafios do ensino da Engenharia no Brasil para formar profissionais que atendam às necessidades de mão de obra apta a operar o sistema empresarial e de inovação?

Em primeiro lugar, é preciso uma sólida formação, com ensino de excelência. Também, o currículo deve compreender, além das matérias básicas e técnicas, competências que são necessárias para o exercício bem-sucedido da profissão nos dias hoje. Isso inclui capacidade de trabalho em equipe, espírito empreendedor, capacidade de se comunicar bem. O aluno de Engenharia deve aprender sempre e ser incentivado a criar, fazer, ousar. Também deve desenvolver um profundo senso de responsabilidade social e ambiental. É com essa mão de obra que contamos para construir um País

avanzado. O Instituto Superior de Inovação e Tecnologia (Isitec), criado pelo Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo (SEESP) e que tem o apoio da FNE, atua dentro dessa perspectiva. Indo para a quarta turma de Engenharia de Inovação no próximo semestre, o projeto tem se mostrado um sucesso.

Qual é o papel de entidades como a FNE no sentido de garantir que grandes instituições e empresas que há décadas impulsionam o crescimento e desenvolvimento no País não sejam desmanteladas?

Nós temos defendido que a empresa, sua expertise e os empregos que elas geram têm que ser preservados. Crimes ou desvios são cometidos por indivíduos. Esses devem ser investigados, processados, julgados e punidos dentro do que prevê a legislação. Mas não podemos dizimar as empresas e junto com elas a Engenharia brasileira. O papel da FNE, em parceria com o conjunto das entidades de Engenharia, ou seja, da Engenharia Unida, é participar do debate público e mostrar à sociedade que se trata de equívoco grave simplesmente destruir as empresas nacionais. Esse espaço será ocupado por firmas estrangeiras que levarão embora muitos postos de trabalho.

Como trabalhar para garantir um corpo técnico permanente da área da Engenharia e da Agronomia nos quadros de servidores públicos nas esferas federal, estadual e municipal, como forma de garantir o amplo domínio do acervo técnico existente, bem como o planejamento, execução e manutenção das obras públicas de Engenharia?

Acreditamos que para isso é essencial que as administrações, nas várias instâncias, tenham planos de carreira compatíveis com a qualificação desses profissionais e ofereçam remuneração adequada. Estamos lutando para a aprovação do PLC 13/2013, que cria a Carreira Pública de Estado para a categoria e que consideramos que seria um grande passo para alcançar esse objetivo. Infelizmente, o projeto passou por várias idas e vindas e continua à espera de apreciação no Senado. Precisamos manter e fortalecer essa batalha, mas também atuar em município a município junto ao Executivo e Legislativo, mostrando que contar com um corpo técnico qualificado significa desenvolvimento local, bem-estar para a população e economia de recursos.

Apesar de ter como atividade fim a fiscalização do exercício profissional, como o Sistema Confea/Crea e Mútua pode trabalhar pela implantação de políticas de Estado, com base no conhecimento técnico e científico da área da Engenharia?

O Sistema tem um papel fundamental a cumprir nesse sentido, sem obviamente negligenciar as suas funções essenciais. O Confea e os Creas reúnem cerca de 1,5 milhão de profissionais. Ou seja, é uma massa crítica incrivelmente qualificada que pode ter no Sistema um vetor de participação social muito importante.